

TRAJETÓRIA HISTÓRICA GUARANI MBYÁ: DE PARATY MIRIM A NITERÓI

CRISTINA R. CAMPOS*

MARLUCI REIS**

O movimento em prol da diversidade, vigente na contemporaneidade, é marcado pela necessidade da extrusão de paradigmas há muito incorporados em nossa sociedade, uma visão enganosa do que é ser índio, uma visão que enfatiza a imagem do índio genérico, equiparada à primitividade – indivíduos de mentalidade primária, figuras exóticas que devem ficar à parte da “sociedade nacional” –, servindo de material de estudo, de contemplação ou ainda como provável objeto de especulação mercantilista. É necessário outro olhar para os índios, ou seja, percebê-los como sujeitos ativos, integrantes da sociedade brasileira.

A trajetória histórica dos povos indígenas no Brasil, nesses 511 anos, tem mostrado a força criativa na dinâmica do contato com “os outros”, balizando os processos de resistência, permanência e/ou mudanças culturais. Sendo assim, torna-se necessário analisar o passado e o presente dos Guarani sob a égide da perspectiva histórica, a qual aponta uma trajetória movimentada por um fluxo contínuo de relações.

A origem dessa nação fez surgir correntes de pensamento gerando inúmeros debates polêmicos. Uma delas defende que “o patrimônio histórico da raça Guarani pertence à civilização dos astecas do México e dos Incas do Peru”, mas todo esse significado veio a ser destruído pelos espanhóis, sendo roubado da família indígena (SILVA, 1939:25). Para o autor, esse povo chegou a se estabelecer em diferentes locais da América do Sul, como população pré-colombiana que foi extinta pelos europeus, mas que com habilidade não deixaram vestígios, para que se descobrisse o acontecido. Entre muitos fatos promoveram consequências como o viver espalhados pelo Continente Sul Americano, em que a capital dessa nação recebeu o nome de Mbaeveraguasú.

* SME/FME; UNIRIO; OCE/CNPq/UERJ. E-mail: cristinarcampos@gmail.com

** OCE/CNPq/UERJ. E-mail: marluci.reis10@gmail.com

Pensava-se que o termo Guarani, tinha sentido amplo, compreendendo todos os indígenas de mais da metade do Continente Americano, mas ele incluía apenas determinadas raças que os colonizadores europeus julgavam inferiores, sem as qualidades que ostenta os costumes e a inteligência da ampla nação Guarani. Havia ainda as tribos, que mesmo não sendo da nação Guarani, se moldou aos seus costumes, como por exemplo, os “Aruacás”, que seguiram os “Caraivés”, desde as Antilhas como se fossem seus escravos (SILVA, 1939).

A partir dessas observações, torna-se possível dizer que tudo começou com a chegada dos espanhóis à Asunción ¹, em 1537, sendo que parte da nação Guarani se deparou com os não-índios e, assim, permaneceram perante toda uma ideação colonial. Cabe frisar que o genocídio provocado pelos conquistadores europeus foi emanado pela guerra, maus-tratos, epidemias e cativeiro.

A nação Guarani se difunde de forma irregular pela imensa planície das várzeas, localizando-se nos rios Paraná, Paraguai e Uruguai, chegando a alcançar quase toda a Bolívia, parte da Argentina e o pequeno planalto da Patagônia. Sublinha-se que esses índios foram os alvos prediletos dos missionários jesuítas e, que, se aproveitando da sua natureza submissa os conservava aprisionados. Não existe um censo absoluto que contabilize precisamente a população Guarani na América do Sul, mas dados oficiais das organizações indígenas e indigenista dos países, indicam que essa população gire em torno de 225 mil pessoas espalhadas, sendo assim, consideradas como uma das maiores populações indígenas do Continente Sul Americano. O país que apresenta a maior população Guarani é a Bolívia com 80.000 pessoas, seguido do Paraguai, que alcança a marca de 53.500 mil pessoas, que vivem especificamente ao Leste do país, em regiões próximas à divisa com Brasil e Argentina. A terceira população se encontra no Brasil, com cerca de 50 mil pessoas e a quarta, com 42 mil, na Argentina, concentrando-se na região norte do país (FUNAI, 2003).

Em se tratando dos Guarani do Brasil Meridional, Schaden (1974) frisa que essa nação foi dividida em três grandes grupos, ou seja, Chiripá, Mbyá e Kaiowá. O autor ressalta que os Kaiowá correspondem ao único grupo, que não usa a qualificação Guarani até hoje. Contudo, as diferenças que deram origem a classificação de Schaden,

¹ Maior cidade do Paraguai localizada às margens do rio Paraguai, no sul do país, constituindo-se ainda no principal porto fluvial (Porto de Assunção) e centro industrial e cultural do país.

tinha como base “o dialeto, os costumes e as práticas rituais de cada grupo Guarani”, segundo o entendimento de Felipim (2004:303).

Além desses, surgiram outros trabalhos etnográficos onde é possível perceber as diferenças entre os nativos pertencentes à nação Guarani, que mantinham uma expressividade tanto na forma de ocupação, quanto na preocupação territorial.

Dos “quatorze grupos Guarani que viveram nos séculos XVI e XVII, dez desapareceram”. E ainda, os quatro grupos sobreviventes – Chiriguano, Pai-Tavyterä ou Kaiowá, Chiripá ou Nhandeva e os Mbyá – usavam “os dialetos da língua Guarani”, ou seja, empregavam a “família linguística Tupi-Guarani; tronco linguístico Tupi” (CHAMORRO ARGUELLO, 1999:2).

No período de 1610 e 1768, milhares de Guarani foram unidos pelos jesuítas nas chamadas “reduções”. Para sobreviverem criaram uma comunidade “organizada e auto-suficiente”, que resistiu por longo tempo às “investidas de caçadores de escravos espanhóis e portugueses” (LIMA, 1996:14). Assim, parte desse povo foi incorporada pelas engrenagens da imensa complexidade colonial, nas diversas encomendas espanholas, sofrendo importante e contíguo acidente demográfico. Desses grupos encomendados não sobrou mais de dez por cento da população original, dizimada tanto pela intensidade do trabalho forçado, quanto pelas diversas doenças trazidas pelos conquistadores.

Milhares de índios foram incorporados a essa sociedade colonial, e ao se tornarem seus membros serviam como “burros de carga” para quem deles se apropriavam, levando dessa forma a morte de vários índios. Porém, um grupo Guarani conseguiu ficar fora do alcance dos interesses coloniais, ficando escondido nas densas florestas paraguaias, visando à manutenção de seus costumes. “A conquista européia do seu território, longe de interromper suas correntes migratórias, provocava novas migrações, contribuindo para a dispersão dos Guarani por regiões não ocupadas por elas até o século XVI” (MÉTRAUX, 1927:20).

A Terra Guarani

Em sequência histórica é possível constatar que o início do êxodo Guarani, deu-se em razão da imprescindível necessidade dessa nação encontrar um lugar onde

pudessem viver em segurança, conforme o seu modo de ser Guarani, ou seja, buscar a “Terra Sem Mal” Conforme o princípio místico, a extensão espacial da Terra prometida não se caracteriza dentro de uma definida escala cartográfica, que descreve latitudes e longitudes. Para eles, essa Terra deve ser um local como um paraíso, que irá representar o término de todas as privações e sofrimentos, que podem vir a ocorrer nos núcleos familiares. Para Pissolato (2004:160), entre os Mbyá significa:

(...) uma busca, no limite, de vida terrena, que se faz a cada dia e que se expressa na imagem de uma Terra limítrofe entre céu e Terra. (...) O ascetismo é aqui menos uma prática voltada para a superação desta vida, com a passagem para outro domínio, e mais um exercício diário de controle sobre o que é próprio dela: a corrupção.

Tomando a direção rumo ao leste, atravessaram o rio das Cinzas até que chegaram aos povoados de Paranapitinga e Pescaria, localizados na cidade de Itapetinga, na Bahia, onde foram escravizados pelos colonos que ali viviam. Mesmo sob essa perspectiva de vida, conseguiram fugir, dando continuidade ao seu objetivo original, a busca da “Terra Sem Mal”. Em seguida tomaram seu rumo para o sul, em direção ao mar, ficando nas montanhas da Serra dos Itatins, onde se fixaram, visando o preparo para a viagem tão desejada, que seria concretizada pelo mar até alcançarem a Terra, na conquista do local onde não se morre.

Nimuendaju (1987)², conta que em 1921, obteve a experiência de poder ver de perto a migração de um pequeno grupo Mbyá, nessa trajetória em direção ao mar. Esse fato, não mudou apenas o seu modo de observar a nação Guarani, mas se estabeleceu categoricamente, a maneira como grande parte dos antropólogos começou a olhar essa nação indígena. Para o antropólogo, a viagem encerrou quando o grupo alcançou o litoral, dando início ao caminho da dança, no entanto algo de errado aconteceu, o trajeto para os peregrinos foi interrompido, anulando a magia indígena. Para os Guarani, Nhanderú Eté, divindade que orienta o universo Guarani, ensinou a dança e mandou

² Nimuendajú é o nome dado pelos Apapokuva Guarani do Araribá (SP) ao cidadão alemão que, em 1905, embrenhou-se em território indígena, nas matas pouco exploradas do oeste do Estado de São Paulo. Até então identificado como Kurt Unkel, esse alemão nascera em Jena (Alemanha) em 17 de abril de 1883. Veio para o Brasil ‘em busca dos índios’, aos 20 anos, e aqui viveu, praticamente entre os índios, até sua morte, em 10 de dezembro de 1945. Nos anos 20 naturalizou-se brasileiro, aportuguesando o nome Kurt (para Curt) e adotando o nome com que os Guarani o batizaram. Disponível em: http://www.curtnimuendaju.com/curt_nimuendaju.asp. Acesso em: 18 mar. 2011.

dançar a dança. Esta surge de uma percepção mitológica e o seu surgimento confunde-se com a própria existência Guarani.

Em seguida, tomaram os rumos do noroeste, agora convencidos de que sua busca estaria localizada, não além do oceano, mas no centro da Terra. Na concepção de Schaden (1974), apenas poderiam obter seu intento, quem conservasse de forma pura as suas crenças originais. Atualmente, já há os que acreditam que apenas a sua alma pode retornar a “Nhanderu Ete”, porém, outros Guarani admitem que possam cruzar o oceano com corpo e alma, suplantando a prova da morte, sendo testemunhas vivas da tradição indígena. Em sua visão muitos Guarani continuam ainda hoje a procura da “Terra Sem Mal”, sentindo-se ameaçados pela procura em vão, caminham na esperança de prosseguir na luta pela sobrevivência física e cultural em diferentes partes nacionais e internacionais.

Pissolato (2007) em estudos contemporâneos discute a etnologia e a multilocalidade de parentes, nos quais insere os Mbyá na produção de saberes para a vida, elucidando ainda aspectos da pessoa Mbyá, que considera um dos pontos centrais para o grupo, na busca de diferentes formas de fortalecer sua própria existência.

De acordo com Mainardi (2009:104), “o universo Mbyá gira em torno da busca por modos de manter a pessoa que se dá a partir da satisfação pessoal”. Este seria, por conseguinte, “o fio condutor da narrativa de Pissolato, que relaciona a produção de saberes e o xamanismo aos deslocamentos e a atualização do parentesco, levando em conta que o intuito é sempre o bem estar e a saúde de cada um”. Nesse contexto, o xamanismo corresponde a um termo utilizado de modo genérico em referência a práticas etnomédicas, religiosas (primitiva) e filosóficas (metafísica), que envolve cura, transe, metamorfose e contato direto entre corpos e espíritos de outros xamãs, de seres míticos, de animais, dos mortos, entre outros.

Ao tratar ainda da mobilidade, Pissolato (2007) indica que existem dois momentos: um que relaciona as migrações à religiosidade do grupo e o outro em que associa os deslocamentos, as relações econômicas, sociais e políticas, ou seja, existe uma relação intrínseca entre religiosidade e prática social presente nos movimentos territoriais.

O termo Mbyá, subgrupo que se destaca nesse trabalho, designa habitantes das matas, que se encontram estabelecidos em aldeamentos, cujas relações sociais e de

parentesco, bem como, as cosmológicas com o sobrenatural, reproduz, atualiza e oferece-lhes um meio de vida especial. Sobre a vida na aldeia destaca-se que este era o espaço denominado por eles como *tekoa*³, e suas relações dão o sentido do que é o modo de ser e viver dos Mbyá, caracterizando, portanto, o lugar que possibilita não apenas sua subsistência como a materialização de seus costumes e práticas espirituais (MELIÁ, 1990). Percebe-se que esse espaço é de grande significado para a conservação de seus hábitos, tendo alguns argumentos preferenciais para essa opção, como encontrar uma Terra fértil para o cultivo, obter água em disponibilidade, e ainda, uma área de floresta mais reservada. Na concepção dos Guarani Mbyá a Terra deve acolher todos os seres vivos e os seres não-vivos, o local escolhido deve ser diferenciado das pessoas que não compõem sua etnia, ou seja, com características próprias – construções com madeira, barro e palha adequados ao vento e ao sol.

A tese de que a forma social Guarani implica efetivamente na não-fixação, na construção constante de adjacências e distanciamentos entre pessoas, que abrange uma ética de buscar continuamente meios mais adequados de realizarem o próprio costume, é defendida por Pissolato (2007:101), quando afirma:

A realização Guarani estaria associada não à busca por um ideal de vida ou lugar, mas pela procura de melhores condições de durabilidade das experimentadas no presente. A mobilidade teria lugar central nas histórias de vida, sendo uma capacidade conquistada ao longo do tempo, que operaria a atualização do parentesco e que, no limite, teria em vista a satisfação pessoal e a duração da pessoa.

Na busca incessante dessa Terra/Paraíso, que segundo a tradição pode ser alcançado em vida, eles precisam cumprir e respeitar um conjunto de regras e conduta divina que lhes são transmitidas pelos pajés. São elas que norteiam as relações que mantém com a natureza, com todos os seres humanos e com os espíritos, traduzido por *Nhandereko*, “nosso modo de ser e de viver Guarani, segundo nossa tradição”.

O Guarani Mbyá, segundo Ladeira (2006) se agrupa em famílias (parentelas) com o objetivo de povoar e conservar a Terra, respeitando seu princípio mítico. Isso implica na guarda de significados concisos como a conservação da língua e de rituais sagrados. Já Guimaraens (2003:93) afirma que “o universo inteiro, e com ele a própria

³ O termo “significa lugar em que se produzem ao mesmo tempo as relações econômicas, relações sociais e organização político-religiosa essenciais para a vida Guarani” (MELIÁ, 1990:36).

sociedade, estrutura-se hierarquicamente tendo como base as forças sagradas, outorgando-se, dessa maneira, todo o poder à ideologia mítico-religiosa e à estrutura social que a detém”.

O recorte geográfico para o estudo realizado localiza-se no Brasil, entre os Guarani Mbyá, mais precisamente sobre um núcleo familiar que habita a cidade de Niterói, Camboinhas, Estado do Rio de Janeiro.

Formação da família Mbyá Nunes & Oliveira

Inicialmente, a família Mbyá Nunes & Oliveira, enfatizada nesta pesquisa, tem sua origem na aldeia de Pinheiros, no Estado do Paraná, com o nascimento da índia Lídia Nunes que, aos dezenove anos, casou-se com o *jurua* (não-índio) Pedro Oliveira. Relação que permanece por quarenta e cinco anos. Desde que se viva na aldeia, conforme sua organização social, política e religiosa, a aliança matrimonial intercultural é aceita pelo grupo, no entanto, primam pela união tradicional, entre seus consanguíneos.

Em Terras do Paraná, nasceram seus primeiro filhos. A primogênita Iraci, seguida de Iracema, Darci, Jurema, Isaías e Nivaldo. Depois em Paraty, nasceram seus filhos: Amarildo, Juliana e Márcia.

No desenrolar dessa trajetória familiar, desenha-se um cenário de convivência na Aldeia de Itaxi, localizada próximo à rodovia Rio-Santos, no distrito de Paraty Mirim, município de Paraty. A aldeia possui aproximadamente 100 habitantes, ocupando uma área de 79 hectares, onde fazem suas roças e se ocupam da produção da arte indígena como adornos corporais, cestos, esculturas em madeira, entre outros objetos, gerados para a sobrevivência da família e dos núcleos por ela formada. A ocupação se deu em diferentes momentos, desde o final da década de 1940. A área foi desapropriada para fins de reforma agrária pelo governo estadual dando espaço a um grupo de Guarani Mbyá fixar residência.

A família Nunes & Oliveira compartilhava, nesse aldeamento, com a família do cacique Miguel, a responsabilidade de orientar o modo de ser e viver dos seus núcleos familiares. Os atributos de cada núcleo eram realizados independentemente de estarem

localizados com mais de uma família no mesmo espaço, e mesma aldeia, cabendo assim, a compreensão mútua de infortúnios de humores, e/ou ainda divergências de opiniões.

A família de Lídia e Pedro era também responsável pela produção significativa do artesanato, que era comercializada na rodovia Rio-Santos e na cidade de Paraty. Sobreviviam, também, do que era acolhido na roça e da apresentação do Coral, aos *juruás*, formado por crianças e jovens do seu núcleo familiar. Do mesmo modo a família de Miguel o fazia, causando assim, motivos de disputa entre as lideranças.

A busca de um *tekoa* mais feliz e o conhecimento de uma Terra a ser preservada, localizada em Camboinhas, ocasionou o deslocamento da família. A Terra referida trata-se de um sambaqui⁴, lugar que guarda resquícios arqueológicos e comprobatórios da existência indígena. O Guarani Joaquim Verá argumenta que eles têm receio de que a memória de seus antepassados seja desrespeitada, como já ocorreu com a construção de um prédio em cima de parte do Sambaqui localizado em Camboinhas, sendo assim, pretendem permanecer no local, considerado sagrado por eles, com vistas a salvaguardá-lo.

Os Mbo'yty em Camboinhas

Em março de 2008, os Guarani manifestavam interesse em conhecer o território no qual iria se instalar a aldeia. O grupo rondava a atual região fazendo apresentação de seu coral e realizando a venda de sua arte, compreendida por eles como artesanato. O conhecimento da área, segundo informações prestadas por Joaquim Verá, índio integrante da família Guarani, deu-se por intermédio de Adriano Peçanha, engenheiro administrador do Parque Ambiental da Serra da Tiririca, localizada no Município de Niterói, Rio de Janeiro. Em busca de uma Terra melhor para a organização do seu *Nhandereko*, a família Nunes & Oliveira, deslocou-se de Paraty-Mirim para Camboinhas, no início do mês de março de 2008, criando a Aldeia Tekoa Itarypu (Fig. 1), que significa barulho do mar batendo na pedra.

⁴ O Sambaqui Duna Pequena de Camboinhas é considerado o mais antigo do Brasil, com cerca de 8 mil anos. Lina Maria Kneip, arqueóloga do Museu Nacional/UFRJ, foi a primeira a realizar pesquisas no local em 1979, e foi responsável pelo projeto "Pesquisas de Salvamento em Itaipu", suas pesquisas foram interrompidas, devido ao seu falecimento, ao ser vítima de um atropelamento, por moto, em 26 de janeiro de 2002, no Distrito de Bacaxá, Saquarema (RJ).

A comunidade indígena foi apresentada à sociedade envolvente no dia 19 de abril do mesmo ano, causando descontentamento a muitos que tomaram conhecimento do fato, principalmente do setor imobiliário, que no local desejava construir um condomínio de apartamentos luxuosos. Alguns moradores da região também demonstraram insatisfação ao terem como vizinhos índios. Diziam que lugar de índio é na floresta e não em um centro urbano.

Sob a ótica dos pesquisadores e professores ávidos por conhecimentos a chegada dos Guarani na cidade foi considerada por muitos como um presente dos “deuses” – uma aldeia no berço de um município que tem como principal protagonista fundador, o índio Araribóia. O fato poderia despertar na sociedade niteroiense, principalmente na área educacional, o desejo de resgatar a história da formação do município.

Frente ao descontentamento, ocorreu um fato que ficou guardado na memória de muitos: no dia 18 de julho de 2008, enquanto os homens estavam participando de uma reunião na Associação dos Pescadores localizada em Itaipu, praia vizinha, portanto, somente as mulheres e crianças se encontravam na aldeia, sujeitos “(in) determinados” atearam fogo nas ocas das aldeias (Fig.2). O ato criminoso, além de por em risco vidas humanas, e queimar a moradia dessas famílias, destruiu uma série de documentos e objetos que os índios guardavam: livros escritos e traduzidos a partir da história oral contada pelos mais velhos, que não se encontram mais em corpo físico na Terra; documentos pessoais; objetos particulares; objetos artísticos produzidos por seus antepassados; roupas e alimentos.



Figuras 1 e 2 – Aldeia Tekoa Itarypu e destruição das ocas.
Fotos – Cristina Campos, 2008. Fonte – Arquivo particular.

Fato criminoso e indelével na memória de cada Guarani Mbyá. Toda aldeia se transformou em cinzas, e graças aos “deuses” nenhuma vida foi perdida, porém os danos materiais e morais mexeram com a dignidade dos índios e de alguns *juruás*, que se aliaram a eles na luta pelo direito de permanência no local e na reconstrução das moradias.

Na redenção de uma nova aldeia, os interessados na causa, assim como, os órgãos federais que prestam assessoria aos índios, Funai e Funasa, formaram alianças e reergueram a aldeia em 56 dias.

Aos treze dias do mês de setembro de 2008, contemplava-se a reinauguração da aldeia, rebatizada pelo nome, Aldeia Tekoa Mbo’yty (Fig. 4), que na simbologia guarani quer dizer: Aldeia de Sementes, que após o seu aniquilamento, renasce das cinzas e vem fortalecida com mais força, ânimo e crença de estabelecer nesse espaço a “Terra Sem Males”, segundo o cacique, na época, Joaquim Verá.

Nesse espaço cultuam suas crenças. A palavra sagrada na Aldeia Tekoa Mbo’yty, como na maioria das aldeias Guarani, é propagada na *Opy* (Casa de Reza). No seu interior, cuja vedação é completa para impedir a entrada de espíritos indesejáveis, os Mbo’yty ouvem o *porahêi*, palavras proferidas pela pajé Dona Lídia na celebração dos rituais funerários, da cura, e do batismo do milho. Em se tratando da cosmologia Mbyá, percebe-se uma força que emana do contato com os espíritos, por vezes agenciada nos sonhos. O espaço de celebração desse contato se estabelece na referida *Opy* (Fig. 4), localizada no centro das habitações, construídas de frente para o sol nascente com a finalidade de obter a luz e a palavra de *Nhanderu* –, local onde as relações espirituais são levadas a cabo.



Figuras 3 e 4 – Aldeia Tekoa Mbo’yty e Opy.
Fotos – Cristina Campos, 2009 e 2011. Fonte – Arquivo particular.

A natureza cosmológica, na visão dos Guarani Mbyá, consagra-se como objeto de todas as relações ocorridas, na qual qualquer procedimento deve se fundamentar em suas relações divinas, visando transcender a sua realidade social.

No pátio em frente à casa de reza se realizam as reuniões de deliberação da comunidade e o “*xondaro*”⁵, que faz parte do cotidiano da aldeia, quando todos realizam movimentos corporais ao som do violão e da rabeca. São os pajés, conhecidos também por rezadores, que ouvindo vozes e orientações dos deuses, os conduziram a esses espaços para que neles pudessem ser construídas as suas aldeias. Neste local, as relações sociais e de parentescos, a divisão sexual do trabalho e as relações cosmológicas com os espíritos e o sobrenatural se reproduzem e se atualizam, dando sentido ao modo de ser e viver Guarani.

Na aldeia de Camboinhas, a religiosidade é vivida de modo frequente, pois tudo gira em torno de *Nhanderu*. Para eles a vida está interligada aos elementos da natureza e da sobrenatureza, da areia, da pedra, dos animais marinhos, dos pontos cardeais entre outros, os quais sugerem uma influência significativa em seu cotidiano.

Considerações finais

Através desse estudo, chega-se a conclusão de que há mais de quinhentos anos a sociedade Guarani vem enfrentando o desafio de sobreviver de acordo com suas tradições, frente o contato com a sociedade dos não-índios. Para tanto, seleciona e incorpora às suas tradições, valores, necessidades e conhecimentos advindos dessa relação.

Além disso, constata-se que há uma infinita sabedoria do povo indígena seja de qualquer etnia, que nos leva sempre a crer que, o seu ideal de vida é o mais afinado com a mãe natureza e que nós *juruás*, deveríamos refletir sobre a sensibilidade e conhecimentos que são características inerentes ao seu ser e que, desta forma fossem respeitados, estudados e reconhecidos por todos nós formadores do povo brasileiro.

⁵ Segundo o Guarani Darci Tupã, o “*xondaro*” é praticado para desviar os maus espíritos para dançar e ter equilíbrio, e também para ter saúde. É, ao mesmo tempo, uma dança e uma luta que forma os guerreiros para cuidar da aldeia. Acrescenta ainda que, através dos cânticos e rituais será possível ir ao encontro dos ancestrais criadores, e, junto a eles, atuar pela manutenção da vida na Terra.

Diante do exposto, averigua-se ainda a necessidade de muitas ações políticas e sociais a serem encaminhadas no sentido de alterar o cenário das relações etnicorraciais. Práticas que priorizem o respeito à diversidade cultural, motivadas pela influência mútua, que vem consolidar o processo de interculturalidade, que não é somente uma simples transferência de conteúdo de uma cultura para outra. Esta diferença entre culturas aparece numa edificação compatível de significados diferentes, em que novas realidades se constroem e se reconstroem, fazendo circular a memória e o patrimônio cultural dos povos indígenas.

As reivindicações do movimento indígena, em particular dos Guarani Mbyá, constitui demanda antiga de ações que envolvem saúde, educação, demarcação de terras. Adverte-se ainda que é através de uma relação que ultrapassa fronteiras pré-estabelecidas, que a convivência harmoniosa e dialógica entre os diferentes poderá ser estabelecida. Nesse sentido, é fundamental que as comunidades indígenas favoreçam esse relacionamento abrindo as “portas” de suas aldeias para que sejam travados diálogos e observações concernentes ao seu modo de viver, solidificando a proposta de permitir ao outro que as conheçam verdadeiramente no sentido amplo de desmitificar o preconceito ainda existente na sociedade dos não-índios. Como primeiros habitantes deste país, e apesar de ser hoje um contingente em menor escala populacional, ainda continuam a serem indivíduos que não se calam perante a opressão e ao desrespeito no decorrer dos tempos, o que vem reafirmar a sua luta constante na qualidade de representantes de uma ação social transformadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAMORRO ARGUELLO, Graciela. *Os Guarani: sua trajetória e seu modo de ser*. In: Cadernos COMIN. São Leopoldo, COMIN, n. 8, p. 30 agosto de 1999. Disponível em : <http://pib.socioambiental.org/en/povo/Guarani-Mbyá>. Acesso em 18 mar. 2011.

FELIPIM, Adriana Perez. *O Sistema Agrícola Guarani Mbyá e seus cultivares de milho: um estudo de caso na aldeia Guarani da Ilha do Cardoso, município de Cananéia, SP*. [Dissertação de Mestrado em Ciências] Área de concentração: ciências florestais. Piracicaba: ESALQ, 2001.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO – FUNAI. *Populações indígenas no Brasil*. 2003. Disponível em : www.funai.gov.br. Acesso 10 jan. 2011.

GUIMARAENS, Dinah (Org.). *Museu de arte e origens: mapa das culturas vivas Guarani*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

LADEIRA, Maria Inês. *Espaço Geográfico Guarani-MBYÁ: significado, constituição e uso*. São Paulo: Edusp, 2006.

LIMA, Paulo. Guarani Kaiowá. In: *Revista Sem Fronteiras*. n. 244, p. 14. São Paulo, set. 1996.

MAINARDI, Camila. *Espaço Ameríndio*. Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 101-106, jan./jun. 2009. Disponível em: www.seer.ufrgs.br. Acesso em 18 mar. 2011.

MELIÁ, Bartolomeu. A Terra sem mal do Guarani. In: *Revista de Antropologia*. São Paulo, v.33, 1990, p. 33-46.

MÉTRAUX, Alfred. Migrations Historiques des Tupi-Guarani. In: *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, 1927: pp. 1-45.

NIMUENDAJU, Curt Unkel. Apontamentos sobre os Guarani. (Trad. e notas de Egon Schaden). *Revista do Museu Paulista*, v.8, 1954, pp. 9-57.

PISSOLATO, Elizabeth de Paula. *A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo Mbyá (Guarani)*. São Paulo: Editora da UNESP, 2007.

_____. Mobilidade, pessoa e vida breve: revisitando o tema da Terra sem mal a partir de uma etnografia atual entre grupos Mbyá no Sudeste do Brasil. In: *Estudos Latino Americanos*, n.24, 2004, pp. 237-245.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.

SILVA, José de Mello e. *Fronteiras Guaranis: com um estudo sobre o idioma Guarani ou ava-ñe-ê*. São Paulo: Imprensa Metodista. 1939. Disponível em: http://www.ihgms.com.br/_upload/livros.pdf. Acesso em 18 mar. 2009.